



IDILIO

*Ilustração*  
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Diretor e Proprietário: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Composição e Impressão: RUA DO SÉCULO, 43

N.º 313 Lisboa, 19 de Fevereiro de 1912

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 48500—Semestre, 26400—Trimestre, 14800



## Todas as damas elegantes

QUE, MUITO JUSTAMENTE, QUEREM CUIDAR E CONSERVAR A SUA SAÚDE E BELLEZA,  
EMPREGAM, POR CONSELHO DAS MAIORES NOTABILIDADES MÉDICAS, A

# SOMATOSE LIQUIDA

QUE É SEM DUVIDA O MELHOR DE TODOS OS RECONSTITUINTES



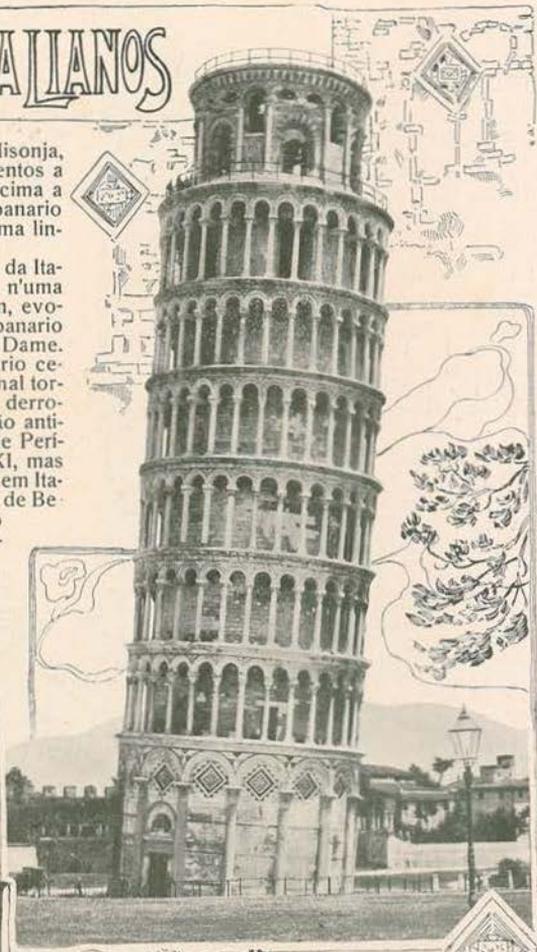
# OS CAMPANARIOS ITALIANOS

O homem, n'um terror e n'uma lisonja, quando ergueu os seus monumentos a sua voz fôsse melhor escutada. O campanario nasceu assim; o sino creou-se para, n'uma linguagem simbólica, pedir pelos mortos.

Os mais celebres campanarios são os da Itália, depois os da França que Napoleão, n'uma hora de esperança, saindo do golfo Juan, evocou ao dizer: a aguia voando de campanario em campanario até ás torres de Notre Dame.

A igreja de Veneza tem um campanario celeberrimo como a de Pisa, a da tradicional torre inclinada que naturalmente um dia se derrocará como succedeu áquêle. Não são tão antigos como os da igreja de Saint Franst de Perigueux, em França, que data do seculo XI, mas o seu renome é maior. Receia-se muito, em Itália, pela torre pisana e até já a comissão de Belas Artes encarregou o padre Alfani—o illustre diretor do Observatorio de Florença—de fazer o estudo das causas que acentuaram mais a inclinação do zimbório d'aquella catedral, edificado em 1174 por Bonano. O padre indicou já o que havia a fazer para evitar a derrocada.

Outro campanario antiquíssimo é de Puy en Veldy e o da catedral de Limoges, em França, edificados no seculo IX. Os campanarios não serviam apenas para alojar os sinos, mas para indicar tambem, de longe, as igrejas, marcando, pela sua altura e fórma, o poder das abadias e mosteiros. Dentro em



1—A torre inclinada de Pisa

2—A torre de Milão

pouco começou a rivalidade e houve igrejas poderosas que tiveram até nove campanarios.

No seculo XIII é quando os campanarios se edificam com maior altura, chegando mesmo a serem extraordinarios como o da igreja de Senlis.

A tradição, a historia, liga-se-lhes. Rara é a abadia celebre á sombra de cujo campanario não se desenrolou uma passagem em que figuraram reis,

côrtes, altas dignidades.

Notre Dame e Reims em França, a Sé de Lisboa, de cujas torres baldeou um bispo, vendendo e tendo, as da Carmina de Nápoles que tantos acontecimentos viu.

Estranhas, com a sua semelhança de torre da idade media como as que cercam o castelo d'Anjou em Nápoles, são as da basilica de Santa Apolinaria de Ravenna.

754, na presença do papa Estevão II e de Astolfo, rei dos Lombardos.—Mas n'este ano... eles já não existiam. O Terraço, cujos autores são ignorados, foi acabado em 1267.

Italia é o berço da egreja, a terra secular da crença, onde ha os mais belos monumentos religiosos, mas é necessario ir á Alemanha, á Suíssa e á Holanda para encontrar os mais estranhos monumentos d'este genero: os campanarios goticos. O mais belo é o de Friburgo.

Os campanarios agudos, de torres piramidais, que se apropriavam com tanta felicidade do gotico, não podiam convir ás construções do tipo classico; por isso os arquitetos da Renascença os substituiram por zimbórios. O campanario da catedral de Strasburgo, concluido em 1277, por Jean de Steimbach, é uma prova do mais extraordinario abuso do gotico, sendo puras as de S. Nicaise e de Reims, a maravilhosa joia que Hussymans



1—A torre do Monte S. Julião (seculo XI)  
2—A torre de S. Marcos de Veneza

As de Siena são verdadeiros tesouros de arte, como as de Parma e de S. Miguel de Lucques, que datam do seculo XIII.

Na Lombardia ha as de S. Gothardo, de Milão e as de Torrazo de Cremona. O primeiro é em azulejo, agil e delicado, coroado por uma grade com a sua esculpa que um cone agudo encima com a estatua de S. Miguel e foi edificado por Pecorari.

O de Cremona—chamado o Terraço (Torrazo)—foi começado no seculo V. II a acreditar n'uma inscrição ali collocada em 15 de abril de



descreveu e cuja conversão por tanta beleza foi operada.

«Homens que erguiam estas belezas á gloria d'um Deus eram grandes artistas e profundos crentes. Só a crença daria tal poder d'arte.»

O escritor pensou isto; o artista comoveu-se e o cristão apareceu e de tal fórma que ainda hoje vae humildemente de terra em terra buscando um abrigo n'um convento. Porque Reims maravilha e uma joia o seu campanario.

Se o artista se demorasse uns mezes diante da Campinalla de Giotto — o mais artistico dos campanarios de Italia — que grandiosa seria então a sua sensibilidade. E' na catedral de Florença o encanto; é em Santa Maria das Flôres a cuja sombra se fizeram concilios e se decidiram destinos da igreja. D'um lado é o zimbório abobadado, do outro essa torre alta onde Giotto pôz o seu genio, enquanto Tolento ia combinando com ele a feitura do resto da catedral.

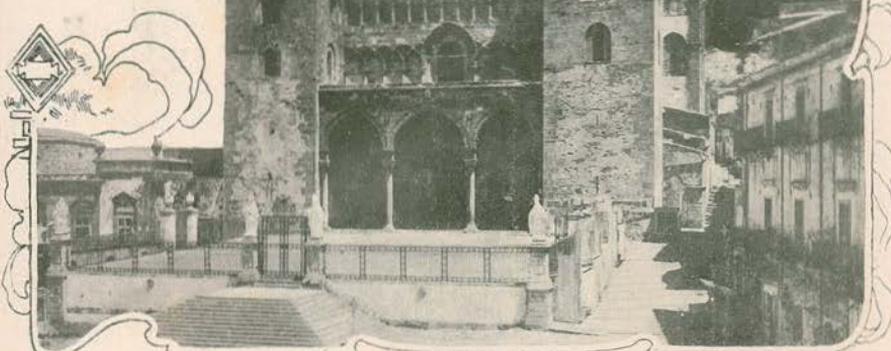
Na Italia meridional ha o campanario da igreja de Carmina, em Napoles, que assistiu aos successos mais tragicos do antigo reino, como foi a decapitação de Coradino da Suecia e aos sangrentos dias da republica partonoepa. Evocal-a é fazer surgir as sombras de Fernando IV e de Maria Carolina, de Cimarosa, o maestro, de Eleonora Pimentel, a poetisa, de lady Hamilton, a perfida, e de Nelson, o bravo leão dos ma-

res que ella acorrentava. Falar na igreja de Carmina é evocar a maior tragedia do povo: a de Manzaniello, o pescador que chegou a um fastigio se julga, um

1—A torre de Florença, conhecida pelo campanario de Giotto



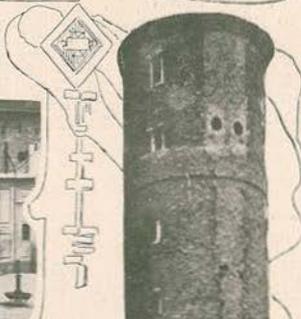
2—As torres da Catedral de Cefalu (Seculo XII)



rei e é despe-  
dação. Mesmo  
em frente da  
Carmina ele foi  
fusilado pelos  
soldados do Bour-  
bon.

A Sicília tem tam-  
bem os seus campana-  
rios que são de  
uma simplicidade primi-  
tiva, constituindo carac-  
terísticos monumentos  
do século passado, como  
o duplo campana-  
rio da capela, que data  
do século XII e o do  
Monte S. Julião, que da-  
ta do século XI.

Foi no pontificado de



1—A torre da Catedral  
de Sienna 2—A torre de Car-  
mina, em Nápoles  
3—A torre da basílica  
de Santa Apollina de Ravena  
(Glicès C. Abeniácar)

Estevão II, século VIII,  
que se fizeram os primei-  
ros campanarios n'essa  
Italia feliz, tão cheia de  
monumentos, tão dedica-  
da á arte e que se espal-  
hou pelo mundo.

No emtanto, nas suas  
aldeias, ha campanarios  
menos celebres e mais  
modestos, a cujas  
sombras são bem fe-  
lizés: aqueles que  
nunca viram outros.



# O Ribatejo inundado

Todos os anos Portugal sofre a devastação das águas. O Douro trasborda, mas nunca causa as perdas terríveis do inclemente Tejo, este ano, mais do que nunca, devastador.

Santarem ficou alagada, teve os seus campos, perfeitamente submersos, deixando aparecer fiadas negras como flu-



tuando nas superfícies e que eram copas de arvores, tristes ramos d'oliveira, no horror d'aquela dilúvio. Sementeiros perdidos, mouchões arrastados, rebanhos fugindo diante das águas, cadáveres de animais boiando e assim por todo o Ribatejo das manadas, das ierzirias, dos campinos.



- 1—A Vala do Carregado levando uma corrente fortíssima
- 2—A estrada para a estação do Carregado quasi coberta pela agua no dia 7
- 3—O automovel conduzindo o redator do *Seculo* e fotografo da *Ilustração* na estrada inundada perto da Azambuja



A miséria foi muita. Aqueles povos sofreram inclemências bloqueados pelas águas e foi necessário que o Parlamento votasse créditos especiais de cem contos para acudir a toda essa ruína.

São os caseiros alagados, os celeiros invadidos, os moveis e as roupas en-



- 1—Armazens junto ao Carregado bloqueados pela água  
 2—Vale do Carregado: A água cercando as casas. 3—Estrada e Campos inundados junto a Vila Nova da Rainha

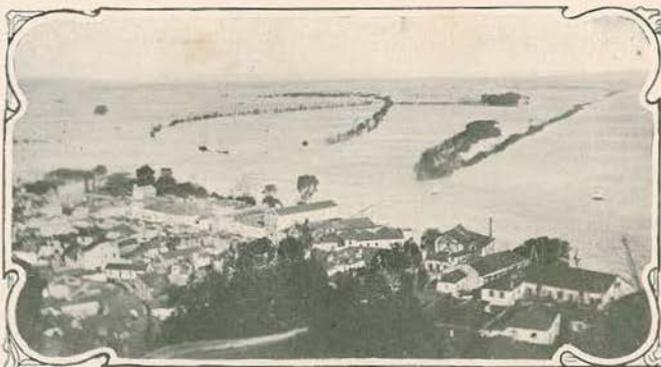
charcadas, gente sem pão, sem lar, sem abrigo, muros de vedação que se derrocam, enxurradas que levam tudo



4—Vale das Chaminés entre Vila Nova da Rainha e Azambuja onde a água à altura de dois metros paralisava as comunicações entre as duas vilas



1 e 2—Aspetos dos campos de Vale das Chaminés  
3—Campos e casas junto à Vala do Carregado.



das suas colheitas perdidas, predizer um ano de mingua. Depois o ministro foi n'outro rebocador para Santarém, d'onde se requisitaram provisões de pão, de carvão, de lenha, para acudir á miséria que as aguas causaram.

Todo o Ribatejo soffreu. O Tejo foi inclemente não só com essa região mas tambem com

1—A cheia na Ribeira de Santarém

adiante; no fim, a fome, a dôr, a miséria, a amargura.

O ministro do interior foi visitar a região assolada. Subiu o Tejo até Valada no rebocador *Josefina* e, assim, vendo aquella desolação, olhando aquella miséria, bem compreendeu as excepcionaes medidas que é necessario tomar n'este momento. Por toda a parte os povos vinham pedir socorros, falar



2—O desmoronamento da barreira de S. Bento que sotterrou em Santarém um barracão e homens  
3—Um aspecto do cemiterio derruido na Ribeira de Santarém  
(Clichés do amador sr. F. da Silva)



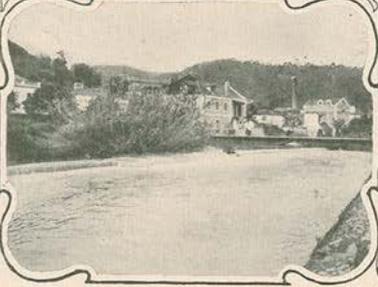
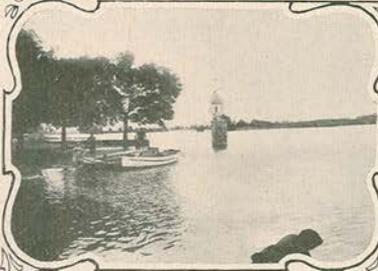
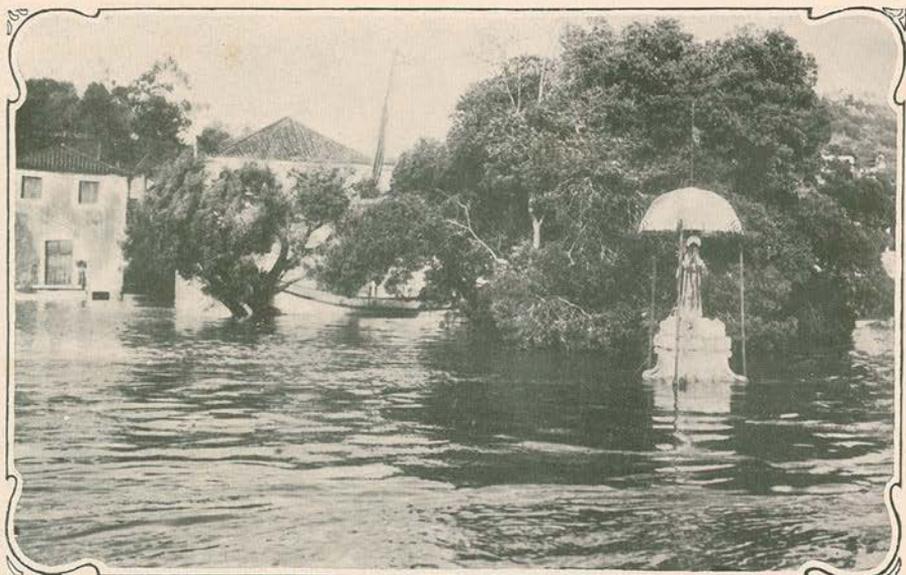
as povoações ribeirinhas e arrabaldinas. Cascaes, Paço d'Arcos, Algés e Dafundo tambem soffreram as suas furias em virtude da tempestade desencadeada ter coincido com as aguas vivas. As inundações este ano foram terriveis no sul.

—No norte tambem o temporal causou enormes estragos, galgando o mar os paredões de Leixões.



1—Uma rua em Palhaes no dia 8  
 2—Uma rua em Vila Franca 3—Os campos da Assêca inundados 4—A mesma rua durante a cheia de novembro de 1937; 5—Um aspecto de ruas inundadas na cidade de Santarém

Dentro em pouco o paredão sul do porto tinha um largo rombo de quinze metros; o cabeço do molhe nor-



1—A Santa Iria, da Ribeira de Santarem, emergindo das águas  
 2—A Santa Iria na cheia de 1907  
 3—O abandono do lar: Episodio da cheia na Ribeira de Santarem  
 4—Manada de cavallo fugindo das lezírias  
 5—O rio de Triana em Alemquer, em cheia

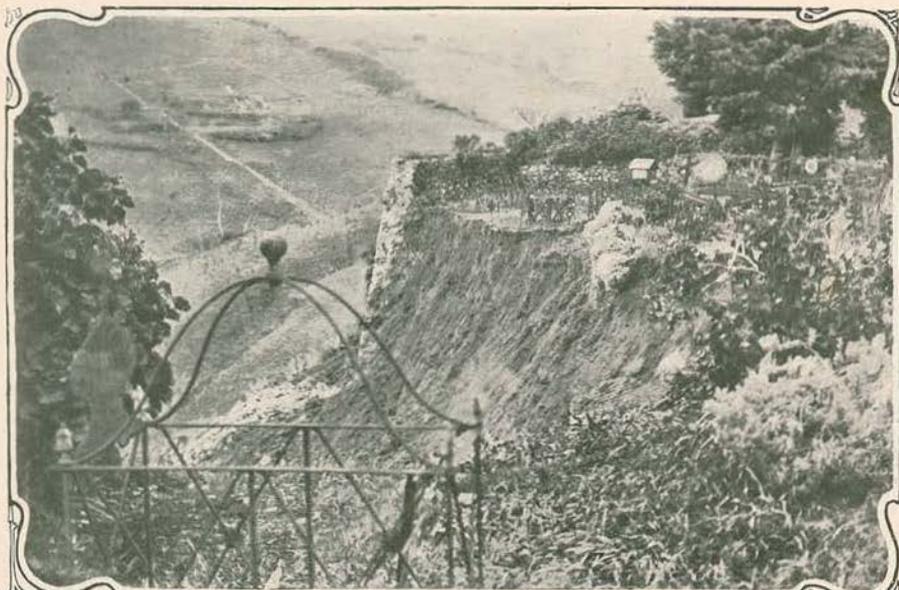


1—O sr. governador civil de Santarém, o sr. capitão Amaral, chefe de gabinete do sr. ministro do Interior e engenheiro Taveira, providenciando sobre a distribuição de socorros na Ribeira de Santarém 2—O transporte do Seculo na Ponte da ribeira da Assêca, no caminho de Santarém 3—Uma Veneza: O largo da Ribeira de Santarém



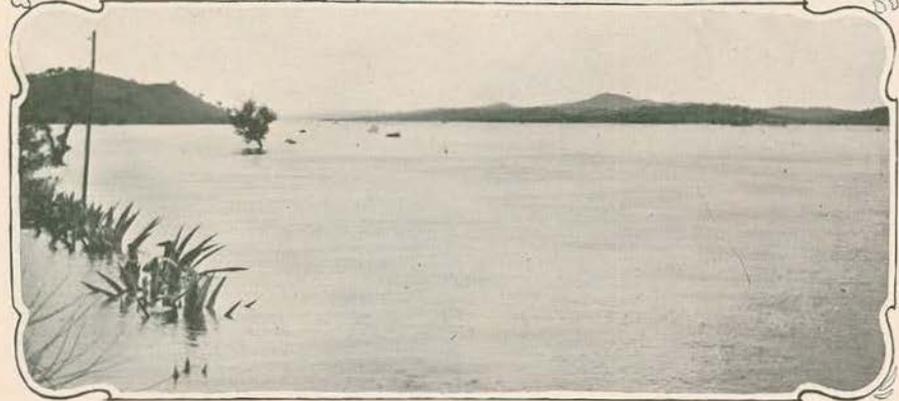
te foi destruido pelas vagas, ruindo sessenta metros de parapeito e o mar, saltando para dentro das docas, destruiu a chalupa *Chiquita*, que





- 1—A derrocada do cemitério de Alemquer  
 2—A encosta por onde se despenharam as sepulturas do cemitério de Alemquer  
 3—Os campos da ribeira d'Assêca no Vale de Santarem, cobertos d'agua

ali se encontrava. O Douro subia sempre como o Tejo; o bairro da Ribeira era tanto uma desolação como os campos do Ribatejo, onde houve bastos prejuizos.





1—A linha ferrea obstruida pelas aguas na estacao do Setil  
 2—A casa dos guardas da linha ferrea do Setil bloqueada pelas aguas  
 3—A cheia em frente da Azambuja

Coruche viu o seu rio Sorraia, com uma corrente tremenda, saltar fóra do leito e destruir as sementeiras e os favaes: caíram casas nos Foros do Paul, em Vale Verde e Vale de





1—O Tejo cobrindo o caes da Alhandra

Mansos e n'outros arrabaldes. Nas proximidades de Abrantes a corrente era tão violenta que um moleiro, ao tentar passar a ribeira



2 3 e 4—Uma difícil reportagem fotografica: O automovel da *Ilustração Portuguesa* no percurso entre Alcoentre e Cartaxo

5—A ponte da linha ferrea na Assêca



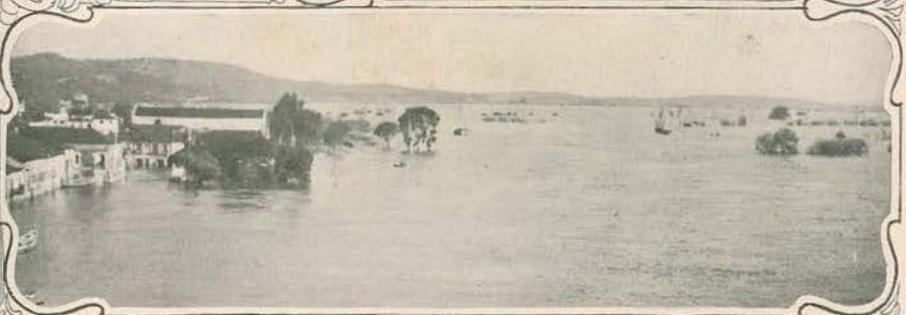
da Pociça foi arrastado pelas águas caudalosas; na Azambuja a cheia foi superior á de 1876 e em Vale Paraizo cairam dezoito casas.

Por toda a parte o mesmo horror das águas fazendo a sua invasão, as torrentes que engrossam e vão causar catastrophes, mas em parte alguma o espectáculo foi tão triste como na Costa de Caparica, onde não ha o menor resguardo para as águas do mar.

Aquilo é um burgo de pescadores á beira d'água; algumas casas são barcos voltados e a incuria instalou-se n'essa praia, como, de resto, por toda a parte no paiz.

Estas catastrophes quasi annaes são como um largo aviso da natureza ao lavrador incauto para que crie em volta uma defeza monetaria, que estabeleça nas suas terras a associação comum de socorros; para os governos tratarem d'esses caminhos á menor cheia embaraçados por falta de condições de verdadeiras estradas e para repararem as docas que de ano para ano se desfazem nas en-

- 1—Um pavorama vénézianno na Ribeira de Santarem  
 2—Aspecto do Tejo em frente da Alhan'ra  
 3—Uma rua de Villa Franca  
 4—Outro aspecto das inundações





1—O largo de Paivaes, em Santarém, coberto pelas águas

O emporal durou uma semana; socorros vieram de todos os lados com presagios terríveis, logo lançados n'um desencorajamento, mas que tem de se olhar por forma menos crua.  
Vem aí a primavera, essa linda e fecundante primavera portuguesa, e como nem todas as sementeiras se perderam e como nem todas as culturas estavam feitas, elas regerminarão da terra hoje alagada e que um sol benéfico e creador ha de, talvez, abençoar.

Dentro em pouco, nos logares da devastação, os campos



2—Um aspeto da ribeira de Santarém no dia 9

chentes do mar e resguardarem os logares que, como os mouchões de Santarém e Espinho, começam a ser devorados pelas ondas.

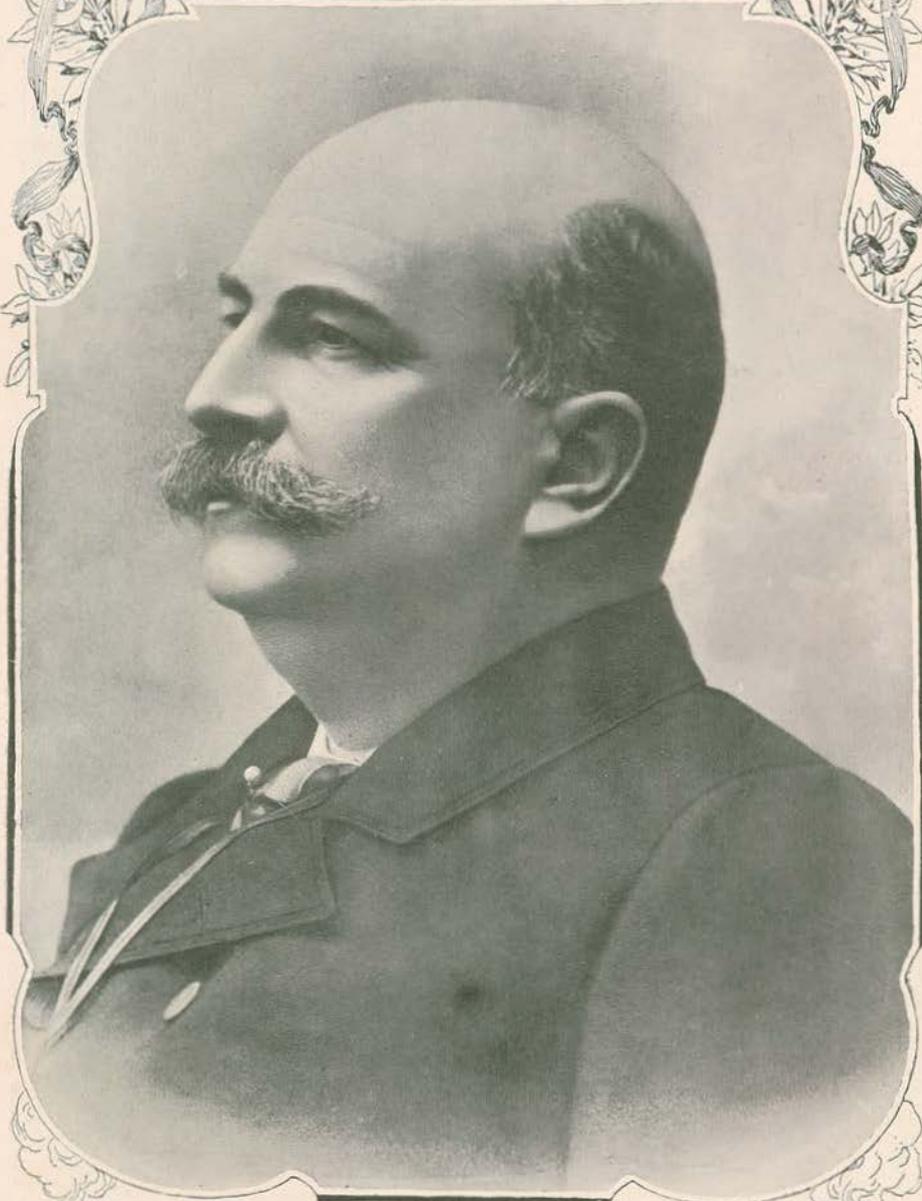
florescerão e mais uma vez, saindo das provações, teremos com a felicidade o esquecimento rapido dos males que nos afligiram.



3—A sede do Gremio de socorros a Naufragos, na Ribeira de Santarém, bloqueada pelas águas  
4—A ribeira de Santarém no dia 8

(Clichés de Benolli).

# BARÃO DO RIO DE BRANCO



O grande estadista brasileiro falecido em 10 de fevereiro

# Estrelas de Paris

## MARIE LECONTE



1.ª e 2.ª—Marie Leconte



(Cliché Reutlinger)

Ignoro se a *Illustração* tenciona guarnecer estas poucas palavras com um grande numero de fotografias. Mas desejaria vivamente que o não fizesse. Porque mademoiselle Leconte, a excelente atriz da Comédie Française, não é de nenhum modo aquilo que toda a gente chama uma linda mulher. Os editores de bilhetes postaes não a que- rerão para mo- delo, os costu- reiros da rue de la Paix não lhe empresta- rão as suas creações para as valorisar. É uma pequenina pessoa, de aspéto fragil e doentio — um aspéto que por muito tempo confinou os seus recur- sos d'arte na reprodução de tísica no ultimo grau. O seu de- cote não é brilhante, os seus hombros são estreitos e as li- nhas do seu rosto d'uma irregu- laridade d'onde se não desta- cam, como compensação, uns olhos belos e onde um narizito arrebitado apenas marca uma feliz reacção de petulancia con- tra a languidez em que se di- ria ir sumir-se a sua figurinha de creança a quem a Emulsão de Scott não fez bem. O *char- me* de mademoiselle Laconte é d'aqueles que se não ste- reotipa: a fotografia não pôde dizel-o nunca. A sua beleza, — se be-

leza afinal pó- de chamar-se o quer que é que n'ela nos se- duz, — não é uma beleza pa- rada: é uma be- leza feita de vi- da, de movi- mento, de emo- ção.

Vi-a ha dias na *Primerose*. Comecei por achal-a feia; e tive depois vontade de lhe pedir perdão. Porque esse rostosito que nos parece ba- nal no primei- ro instante, transfigura-se quando, alegre ou doloroso,

nos tem de dizer um estado d'alma, porque esses olhos são outros quando os vemos ma- rejados, porque todo o seu pequenino corpo nos impressiona quando os nervos modelam n'ele as atitudes mais belas d'essa estatuaria do



Mademoiselle

Marie Leconte

sofrimento que só a vida inspira aos que possuem o maravilhoso dom de comprehendel-a.

E é então, depois de a vêr na peça de MM. Cailla-  
vet e Fiersou em qual-  
quer das outras que o

talento de mademoiselle Leconte tem imposto á plateia de Casa de Molière, que envergonhados de nós mesmos, começamos a entender e a amar a sua formosura.

Paris, fevereiro de 1912.

P. O.

# OS ANIMAES PRODIGIOS

Animas prodigios?! Não. Prodigios de paciência! Os irracionais surgem nas arenas e nos palcos, mas é necessário procurar o homem que os ensi-

com uma touquinha de rendas e logo entravam de fazer sinais com as patinhas alçadas. Caía a noite. Um trem, puchado por cães e governado por um cão cocheiro, com o seu chapéu de oleado, parava á porta do predio e o embuçado, com a sua namorada nos braços, metia-se na tipoia, que largava lesta para o hotel. D'aí a pouco aparecia um cãesarrão de barba branca — o pae da raptada — com um bengalão ao colo e dois cães policias, como tal fardados, e obrigava o D. Juan canino a dar a mão de esposo, como qualquer cristão, á cadelinha garrida e namorada. Tudo isto era feito por cães no palco d'um teatrinho. Outros cães, diante d'um numero que se escreve, ladram tantas vezes quanto os algarismos representam. Com o cavallo é o cão o animal mais inteligente para adextrar. O cavallo salta no circo, dança, ergue-se, segue n'um compasso de valsa atraz da sua amazona, deita-se, obedece a um olhar, a um gesto, a uma voz, tem qualquer coisa de meigo no olhar lançado para o seu dono.

Quem não recorda essa linda baroneza de Rhaden, que devia cegar, fazer prodigios sobre as suas montadas, por entre o estrelajar das palmas nos coliseus e quem não se lembra



nou a fazer coisas para que não foram fadados. A' força de trabalho e de teimosia conseguiu-se já este cumulo: cães atores.

Via-se n'um cenário adequado com os seus predios de janelas rasgadas, com o seu hotel á esquina, o cão surgir, como um misterioso personagem, embuçado no manto negro; em cima, debruçada no para peito, a cadelinha ladina assomava



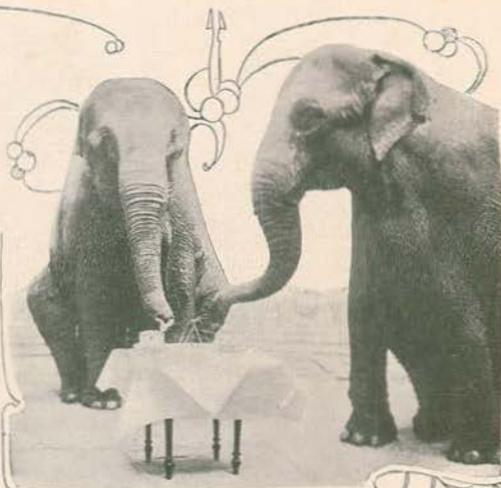
tambem das mil piruetas que os cavalos por ela ensinados executavam?

Ha, porém, animaes bem dificeis de fazer chegar a estes resultados surpreendentes. Alguns inteiramente indomaveis, outros que assim se julgavam, aparecer a realizar prodigios.

Quem diria que uma fôca seria capaz de tocar realejo?!

Pois Lisboa viu-as ainda não ha um ano, dando com um grande ar á manivela do instrumento, remoendo valsas, polcas e mazurcas, a troco d'um rabo de pescada. Ao lado, outra, batia n'um tambor; á voz do domador pinchavam e roncavam e pareciam declarar que nem só os homens imitavam as fôcas, mas que elas tambem eram bem capazes de os imitar.

O corpulento elefante é de uma grande docilidade e o

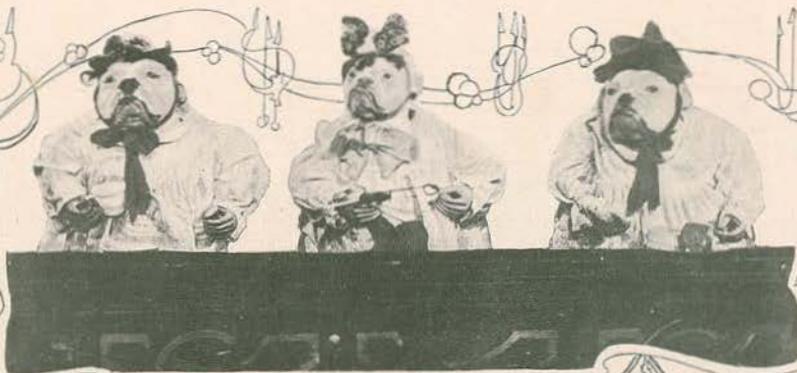


do atraz d'ambos, appareceu em todos os circos e o domador, sabedor da aposta, já estremeia ao vê-lo; o leão aproveitou um d'estes momentos de fraqueza e despedaçou-o em certa noite, o que fez o inglez exclamar, satisfeito com a victoria: Oh! que inteli-

homem aproveita-se d'isso para o ensinar a fazer diversas peloticas, como seja sustentar no dorso um camarada e beber vinho de uma garrafa que ele proprio vae buscar.

Diante d'estas cenas dos animaes adextrados, faz sempre piedade o leão. E' realmente estranho, dentro dos ferros d'uma jaula, soltando os seus rugidos e enfiando o corpo elegante por arcos de ferro untados de petroleo a tremularem chamas. Geralmente estes leões estão entorpecidos, entoxicados, mas nos seus olhos de fogo ha sempre um brilho colerico. Não se encolhem ás chicotadas, antes erguem as cabeças e as suas gargantas vermelhas e os seus dentes ponteados e brancos são um terror e são uma ameaça. Houve um inglez, que tanto compreendeu a colera d'um d'esses animaes na sua obediencia ao domador, que apostou com um amigo em como assistiria á cena final d'aquela vida do homem ante a fera e em que esta seria a vencedora. Correu o mun-





gente animal! Isto no meio da confusão do circo e das caras apavoradas dos espetadores.

Os próprios burros são adextrados para os circos realizando maravilhas; porcos fazem prodígios d'equilíbrio, gatos domam-se para as mais estravagantes cenas e embora com os tigres seja difícil conseguir alguma coisa, já houve um domador que os apresentou, saltando, como os leões, arcs de fogo. Com as serpentes fazem-se variados exercicios e não são das mais custosas a submeter, pois rara é a *menagerie* ambulante que não as apresenta no mais docil contacto com os homens.

Ha ursos que andam de bicicleta, que jogam á espada e passeiam de bengala, com o ar nobilissimo dos seus colegas universitarios; ha macacos que

fumam como lords em gestos medidos e servem á meza com a gravidade dos melhores creados, isto não só nos circos mas mesmo em particular.

Conta-se até que o pae do almirante Ferreira do Amaral tinha a bordo da fragata do seu comando, a *Urania*, um d'esses modelares chimpanzés que ajudava os marinheiros na manobra e as senhoras a subir o portalo.

Uma vez, servindo á meza, de casaca, entornou vinho sobre o vestido d'uma dama e o dono sovou-o. Então fez aquilo que nenhum homem seria capaz de fazer: deixou-se morrer de fome.

Diante de tantos exemplos de feras adextradas, de pulgas que são bailarinas, de ratos bombeiros e de cães actores, não é de admirar — diz um amigo d'esses prodígios — que elles algum dia tivessem falado.



# Figuras e Factos



- 1—O liceu Camões onde o temporal produziu grandes estragos  
 2—O edifício da Associação Infantil inaugurado em 11 de fevereiro  
 3—As creanças protegidas pela Associação

O general sr. Filipe Malaquias de Lemos, ultimo comandante das guardas municipaes, faleceu em 9 de fevereiro, em Madrid, onde se recolhera após a proclamação da Republica.

O seu funeral realisou-se em 13 do mesmo mez, ficando o cadaver em jazigo de familia no cemiterio de Castelo Branco.



O general Filipe Malaquias de Lemos



O monumento de D. Pedro IV em Angra do Heroísmo que foi destruído por um raio (Cliché Severino Avelar)

O monumento a D. Pedro IV, em Angra do Heroísmo, ficou quasi todo derrocado por uma faísca que lhe caiu durante a tempestade. As pedras espalharam-se n'um espaço de cem metros em volta da base.



Um aspecto do funeral do sr. João da Costa Cabedo administrador da Moita vítima d'um atentado cometido em 30 de janeiro (Clichés de Benollet)

O administrador da Moita, sr. João da Costa Cabedo, vítima d'uma tentativa d'assassinio em 30 de janeiro, faleceu em 5 de fevereiro no hospital de S. José, sendo o seu funeral feito a expensas do governo e constituindo uma grande manifestação de saudade.

# O NOVO MINISTRO NA ARGENTINA

O primeiro ministro nomeado para representar a Republica Portugueza em Buenos Ayres é o ilustre



1—O presidente do ministerio, sr. dr. Augusto de Vasconcelos, despedindo-se do sr. Abel Botelho, no Arsenal de Marinha

escritor Abel Botelho, que teve uma afetuosa despedida no dia do seu embarque a 5 de Fevereiro, em que seguiu no «Avon» para o seu posto diplomatico.



2 e 3—A caminho do «Avon»

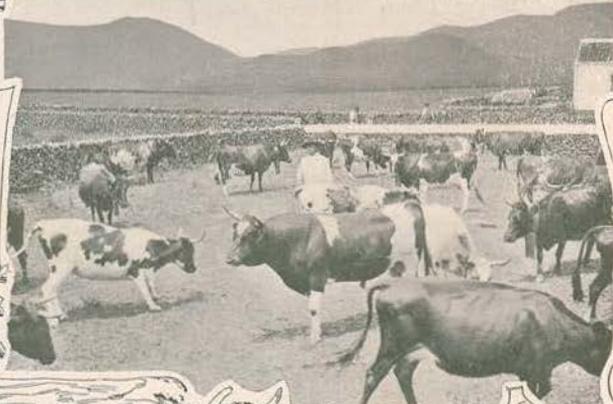
(Clichés de Bemolle)

# FOMENTO NACIONAL

## A INDUSTRIA DOS LACTICINIOS NOS AÇORES

Depois das grandes crises agrícolas por que a ilha Terceira tem passado, dedicaram-se os agricultores d'aquella região á criação de gado e á exploração industrial de leite.

O fabrico de manteiga e queijos, iniciado ha 30 anos pelo sr. José Luiz de Sequeira, tem-se desenvolvido desde então d'uma maneira rapida e inteligente até ao ponto de representar



1—Vacas leiteiras no curral.  
(Clichê do sr. A. J.

Leite, obtido nas propriedades do dr. Diogo de Barcelos, nos Cinco Picos, interior da ilha Terceira

2—O sr. Manuel Francisco dos Reis Almeida, director da Estação Químico-Agrícola d'Angra do Heroísmo, nos Açores

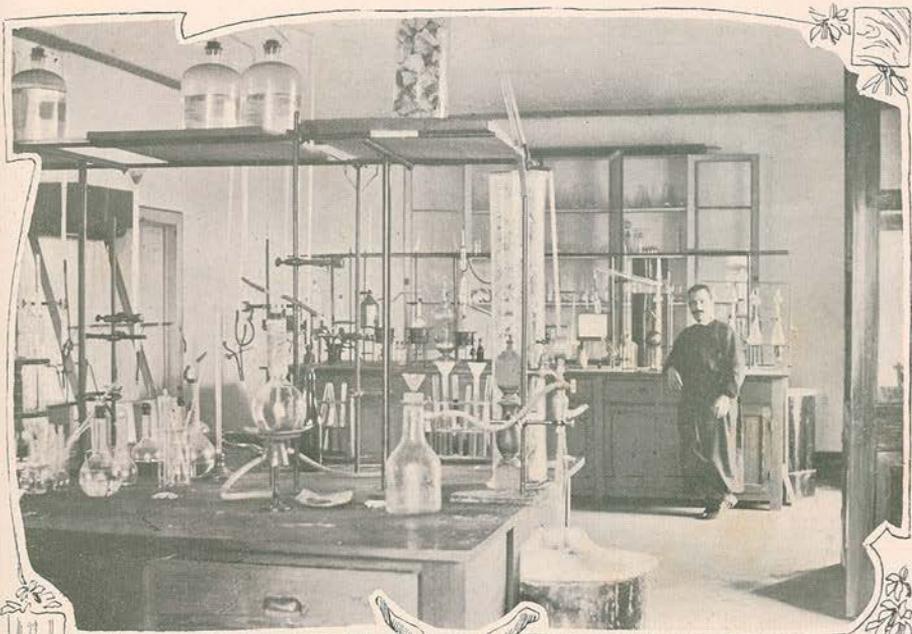


hoje a maior riqueza publica dos dois concelhos da ilha.

A criação de gado tem, todavia, tido uma vida difficil, devido principalmente á falta de protecção do Estado, que a tem deixado abandonada aos seus proprios recursos, não atendendo nunca ás suas mais modestas reclamações, uma das quaes tem sido sempre o barateamento dos meios de transporte.

A criação de gado bovino está limitada á capacidade dos vapores da Empresa Insulana de Navegação ha muitos anos insufficientes para transportarem todo o gado que os Açores desejariam crear, se fivessem possibilidade de o poder transportar para Lisboa, que até hoje tem sido o seu unico mercado. A criação de gado suino, importante ramo da pecuaria Terceirense e valioso anexo da industria de laticinios, vive estrangulada e limitada ao mercado interno pela impossibilidade de exportação devido á Empresa Insulana de Navegação prohibir o transporte de suinos nos seus vapores, que não tem acomodações para isso.

A expensas da Junta Geral d'este distrito e por iniciativa do distinto veterinario sr. Ildefonso Borges, quando aqui exerceu o cargo de veterinario distrital, fundou-se em Angra do Heroísmo uma Estação Químico-Agrícola



1—Uma sala da Estação Químico Agrícola d'Angra do Heroísmo

2—Vacas leiteiras na Montanha (Ilha Terceira)



que desde o seu inicio e com excecional competencia e dedicaçao vem sendo dirigida pelo quimico-analista sr. Manuel Francisco dos Reis e Almeida, que acaba agora de prestar valioso servico aos produtores de manteiga de todo o distrito, com os seus estudos sobre as causas determinantes das oscilações do indice de refração nas mantegas produzidas na ilha de S. Jorge.

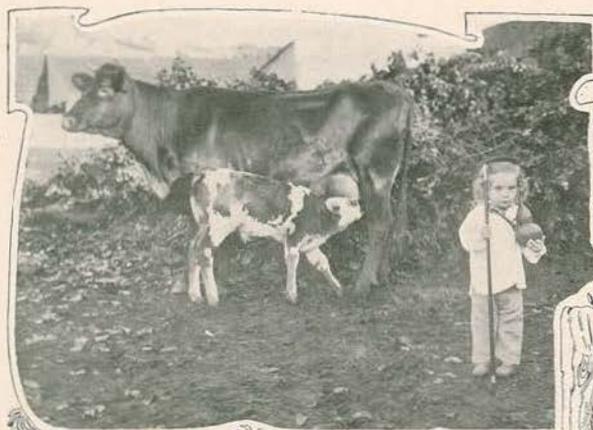
Trabalho desconhecido em Portugal e ainda muito superficialmente conhecido no estrangeiro, e que honra o estabelecimento que o produz, e o distinto funcionario que o executou.

Como natural consequencia do desenvolvimento pecuario veio o desenvolvimento e aperfeiçoamento da industria do leite acompanhado do melhoramento e ampliação das pastagens.

As pastagens naturaes transformaram-se, e muitos hectares de pasta-

gens artificiaes são anualmente creados ou melhorados; milhares de toneladas de adubos quimicos são anualmente empregados na fertilisação das pastagens naturaes e artificiaes, e muito maior seria a sua area se não fôra a protecção que os caciques politicos teem dado á associação denominada «Justiça da Noite», que não deixa vedar os extensos terrenos que no interior da ilha existem abertos e quasi improduttivos por os seus proprietarios não encontrarem nas autoridades garantias para seu direito de propriedade.





por tecnicos estrangeiros e empregando maquinas a vapor nas suas fabricas de Santa Barbara e Fontainhas e um motor a gazolina de 4 cavalos na sua fabrica d'Angra.

A ultima installação d'estes senhores é a sua fabrica na freguezia de Santa Barbara, a 12 kilometros da cidade d'Angra.

Instalada em edificio construido expressamen-

—Aprendendo o officio...

Varios reprodutores bovinos tem sido introduzidos, dando em resultado uma real melhoria na raça, que pelo seu lado os pequenos creadores vão instinctivamente seleccionando.

D'entre os progressos propriamente industriaes destacam-se as modernas installações das fabricas dos srs. Alfredo de Mendonça & C., os maiores produtores de manteigas e queijos nos Açores, que atingem durante o verão uma produção diaria de 300 kilos de manteigas e cerca de 200 kilos de queijos

Estes senhores possuem oito fabricas e estações de desnatação espalhadas em toda a ilha, dirigidas



—Vista interior da fabrica de laticinios de Santa Barbara, na ilha Terceira, propriedade do sr. Alfredo de Mendonça & C. 3—Carros empregados na venda do leite desnatado na cidade d'Angra do Heroismo



te para este fim, reúne tudo quanto ha de mais moderno, tendo as suas maquinas sido fornecidas



- 1—Grupo de operarios n'uma fabrica de laticínios na ilha Terceira
- 2—O sr. Alfredo Mendonça diretor da fabrica de laticínios Santa Barbara
- 3—Vista exterior da fabrica de laticínios de Santa Barbara

(Clichés do sr. A. J. Leite)

pela conhecida casa Garin de Cambrai, que mandou a estas ilhas pessoal seu fazer as instalações.

Alfredo de Mendonça, pôde dizer-se a alma da importante firma comercial de que faz parte.

N'ele se personifica a intelligencia, actividade, honradez e espirito empreendedor dos açoreanos.

Para aquelle homem corajoso e fino, não ha difficuldades; nada é capaz de o fazer esmorecer.

A ilha, que ele tanto ama e onde gosa geraes sympathias, deve-lhe o mais assinalado impulso na sua vida industrial e comercial.

Muitos milhares de braços vivem hoje da industria de laticínios.



Só as fabricas de Alfredo de Mendonça empregam cerca de 500 operarios dos dois sexos e vinte e tantas carroças que diariamente percorrem toda a ilha, e consta que esta firma breve substituirá o serviço de carroças por automoveis.

Os interessados n'este valioso ramo da vida agricola Terceirense estão esperançados de que o governo da Republica não deixará de melhorar as condições dos transportes entre os Açores e Lisboa, subsidiando vapores que tenham capacidade e condições para exportação de gado bovino e suino açoreano e ainda exigindo que os vapores possuam frigorificos para a condução da manteiga, queijos, natas, etc. Uma outra urgente medida, que se impõe á attenção do governo da Republica é a revisão das pautas aduaneiras das colonias, de fórma a abrir aos laticínios nacionaes os nossos vastos mercados ultramarinos.





1—A greve dos automoveis em Paris: Os automoveis dos «chauffeurs» que não aderiram à greve escoltados pelos couraçeiros, encarregados de garantirem a liberdade de trabalho

C'est nous qui sommes les gardes  
Municipaux  
Nous avons pour guimbardes  
Des taxautos

Por fim tudo acabou em paz. A greve acabou com uma cantiga. *Tout est bien...*



2—Uma garage ocupada pela tropa  
3—A prisão de um grevista

Paris assistiu, durante uma semana, à greve dos *chauffeurs*. Os proprietários de automoveis pretenderam adextrar dentro em pouco tempo outros indivíduos, mas mal o conseguiram. Em todo o caso alguns guiaram os carros nas ruas de Paris, levando ao lado dois municipais e os *camelots* logo começaram a sua troça, n'uma transformação da cançoneta:





# FIGURAS E FACTOS



so Costa. E' interessantissimo ouvir aquele bando alegre de pequenitas evocando as canções de todo o paiz.



1—O orfeon Maria Emilia Costa 2—Um aspecto da chela no Tejo.  
Uma fragata debaixo d'agua no caes das Colunas

**O orfeon Maria Emilia Costa.**—O sr. Amadeu Pupo, que é um autentico revolucionario cuja ação se fez sentir nos dias de outubro, creou um orfeon, composto por creanças, que tem aparecido por varias festas democraticas, entoando as mais belas e variadas canções populares e canticos patrioticos, recebendo sempre os maiores aplausos. O orfeon tem por protetora uma filhinha do sr. dr Afon-

2—O sr. Amadeu Pupo,  
director do Orfeon  
(Clichés de Benolle)



# NO ESTADO DE SITIO



1—Os rebocadores do Arsenal que conduzem os presos, junto á ponte do Bom Sucesso  
2—Passagem dos presos em Belem em direção ao forte de Monsanto  
3 e 4—Saída dos presos da doca do Bom Sucesso

(Clichés de Benoitel)